

## SUBIR NA VIDA: A COMPLEXA EXPERIÊNCIA DOS AFRO-BRASILEIROS DE CLASSE MÉDIA(1)

FIGUEIREDA, ANGELA

97ST0432

IntroduçãoAs discussões atuais da viabilidade de implementar alguma política de ação afirmativa no Brasil, reacende uma velha discussão acerca da ascensão social dos negros e, conseqüentemente, sobre a classe média negra brasileira. Ainda que se constitua num pequeno grupo, se comparado ao conjunto da população negra brasileira, os negros que ascendem socialmente não tem despertado o interesse da socio-antropologia brasileira, visto o reduzido número de pesquisas sobre o tema se comparado ao número de trabalhos sobre os negros que estão situados na base da estratificação social. Mas, se os estudos acadêmicos e as estatísticas dificultam a visibilidade deste grupo, uma parcela do mercado já descobriu um novo público consumidor, ávido por ter sua imagem associada aos bens de consumo, basta lembrarmos do número de tiragem da revista Raça Brasil (250.000 exemplares mensais). No Brasil, os primeiros estudos sobre a inserção dos negros numa sociedade de classe datam dos anos 30. Entre os estudos pioneiros encontramos as pesquisas de Donald Pierson e Thales de Azevedo . Estas pesquisas tornaram-se clássicas ao tempo em que legitimavam um paradigma no estudo sobre as relações raciais, a saber, a constatação da democracia racial brasileira. Esta crença advém do argumento que no Brasil as diferentes raças conviveriam harmonicamente, sendo inexistente os conflitos raciais explícitos.

Nestes estudos é recorrente a constatação do processo de embranquecimento vivenciado pelos negros. Estes indivíduos são designados pelo linguagem do senso comum como negros embranquecidos ou negros de alma branca. Vários trabalhos, que versam sobre esta questão, têm considerado o embranquecimento como um dado imutável ou inevitável no processo de ascensão, sem atentar para as mudanças estruturais que tem possibilitado um número maior de negros ascenderem, bem como, as mudanças ocorridas no âmbito da cultura, com uma maior utilização e comercialização de símbolos e produtos da denominada cultura afro-brasileira, assim como o surgimento de uma nova identidade negra nas últimas duas décadas. Este fato, pode, provavelmente, está criando condições para se pensar na diminuição da distância entre ser negro e ocupar posições mais valorizadas na hierarquia social.

O interesse pela temática surgiu quando realizei a pesquisa de graduação, Beleza pura: símbolos e economia ao redor do cabelo do negro, para obtenção do grau de bacharelado em Ciências Sociais na Universidade Federal da Bahia, em 1994. Durante o período da pesquisa bibliográfica, percebi que algumas das referências e interpretações realizadas sobre os negros que ascendiam socialmente recaíam sobre o processo de embranquecimento vivenciado pelos negros em ascensão(2). Dessa constatação derivavam duas assertivas: na primeira, o embranquecimento era visto como uma estratégia consciente utilizada pelos negros; na segunda, o embranquecimento era uma condição imposta pela sociedade branca (3).

Prosseguindo com a pesquisa bibliográfica constatei que, embora houvesse mudanças na estrutura social, ocupacional e no nível de escolarização da população, os conceitos utilizados para analisar as experiências contemporâneas de mobilidade dos negros ainda eram os mesmos, mostrando-se, portanto, um tanto quanto anacrônicos para interpretar a realidade do final de século.

Além disso, havia por parte dos pesquisadores uma falta de simpatia para com os negros 333que ascendiam se comparado com os estudos sobre os negros que ocupam a base da hierarquia social. Falta interesse e curiosidade em conhecer o modo como estes indivíduos interpretam sua própria experiência de mobilidade, quais são as crenças e os valores que norteiam as suas vidas. Estes indivíduos são, geralmente, vistos como negros embranquecidos que pouco contribuíram para o processo histórico de resistência, e não submissão às regras de dominação, e são designados de negros de alma branca na linguagem do senso comum

Essa interpretação pode ser observada mesmo entre aqueles intelectuais que além de serem negros são ligados a militância. Como podemos constatar nas falas de Milton Santos: No Brasil, desgraçadamente, a ascensão social do negro o condena a dar as costas ao passado (4).

Nesse sentido, a ascensão social dos negros acaba por configurar-se em um paradoxo, pois, se por um lado a sociedade capitalista incentiva o projeto de ascensão e, conseqüentemente, do consumo, ganhar dinheiro e vencer na vida; por outro, a mudança de posição dos negros na estrutura sócio-econômica tende a ser vista como uma traição, um modo de dar as costas a cultura negra e ao passado de pobreza, à situação em que se

encontra a maioria dos negros brasileiros. Bastide chamou a atenção para este contra-senso(...) Por um paradoxo aparente, mas que esconde uma lógica certa, é no regime concorrencial que o negro, para adquirir os mesmos direitos que do branco, econômicos, políticos ou sociais, abandona sua herança africana para ocidentalizar-se (Bastide, 1974: 196).

Isso nos conduziu a uma reflexão sobre o comportamento de grupos economicamente emergentes, enfatizando uma perspectiva que ressalta mais o comportamento e a solidariedade entre os indivíduos pertencentes a uma mesma classe. Contudo, este não foi o nosso único interesse, atentamos também para os grupos que ascendem, principalmente, pela solidariedade e força da identidade étnica, a exemplo dos imigrantes. Desse aspecto comparativo originou-se o segundo capítulo. Objetivávamos, assim, trazer à tona duas categorias distintas que se entrecruzam no estudo sobre a classe média negra, a classe e a identidade.

Procuramos na análise contemplar não apenas as transformações sócio-econômicas, mas, sobretudo, atentar para os valores sociais emergentes que contribuem para configurar a visão de mundo e a perspectiva de vida do grupo pesquisado. Destacamos, por exemplo, a tematização sobre ascensão social e identidade, ou seja, o modo como a experiência de mobilidade se relaciona com a assunção de uma identidade negra. Centralizamos nossa análise nas narrativas biográficas dos entrevistados, focalizando alguns aspectos centrais, além da escolaridade, a representação sobre a classe, a sociabilidade, o lazer a percepção sobre a discriminação racial, o envolvimento com aspectos da cultura negra.

## 2- Ascensão social

Vários trabalhos sobre a mobilidade social tem enfatizado, quase que exclusivamente, a mudança de posição na estrutura sócio-econômica, em detrimento de análises que visem dar conta das estratégias de ascensão; já nos estudos sobre identidade étnica ou identidade negra, o destaque é dado à cor e à cultura. Há uma tendência a enfatizar nesses estudos o fundamento étnico das expectativas e dos estilos de vida, muito mais do que a influência e a determinação da classe.

Velho (1994) num estudo sobre as camadas médias do Rio de Janeiro observa a importância de identificar aspectos diferenciadores dentro de um universo que segundo os critérios sócios econômicos poderia ser visto como homogêneo. Do ponto de vista do estudo sobre a classe média negra(5), há uma necessidade de agir no sentido contrário ao que propõe Velho, pois, se a regra tem sido enfatizar a homogeneidade desta macro-categoria, nos estudos sobre os negros de classe média a tendência é esquecer a influência e a determinação da classe.

Assim é que buscamos compreender as estratégias de ascensão de alguns grupos, com um forte sentido identidade étnica, notadamente aqueles que ascenderam a partir da afirmação dessa identidade. Isso nos obrigou a buscar na literatura sobre imigração o caminho para compreender como se entrecruzam os termos mobilidade e identidade. Pretendemos, portanto, abordar a temática da classe média negra numa perspectiva comparativa com outros grupos ascendente. Com isto, objetivamos perceber a relação entre ascensão social e as mudanças de valores e comportamentos nos grupos que vivenciam essa experiência de mobilidade. Nesse sentido, lançaremos mão dos poucos trabalhos que versam sobre a classe média brasileira, comparando-a com o grupo que é objeto de nosso trabalho.

Boneli (1989) traça um perfil das diversas ocupações características da classe média, destacando as mudanças de caráter subjetivo implementadas no comportamento e no estilo de vida dos indivíduos, em função das alterações do poder aquisitivo e, conseqüentemente, do padrão de vida.

A característica mais marcante desse trabalho é a afirmação de que os indivíduos que passaram a ocupar a posição de classe média foram inseridos num ambiente social bastante diverso daquele em que foram socializados. Esta mudança radical no estilo de vida correspondeu a uma troca de grupo de referência(6), utilizado para posicionar-se socialmente. A multiplicidade de referências também era uma constante na

trajetória de vida da classe média, com oscilações na posição social e parâmetros extraídos de um universo bastante diversificado.

Dois importantes aspectos levantados pela autora nos parecem fundamentais para a constituição de parâmetros comparativos entre a classe média e a classe média negra: 1- a mudança do grupo de referência ao longo do processo de ascensão e 2- a multiplicidade de referências com que a identidade social é construída.

### 3- Minorias étnicas e ascensão

Os textos analisados sobre imigração apontam para a existência de uma identidade étnica-racial pautada na origem comum, somada à crença na habilidade do grupo para o desenvolvimento de atividades específicas no mercado de trabalho brasileiro. Mais do que isso, os imigrantes lançavam mão de estratégias de ajuda mútua, favorecendo o estabelecimento e a inserção de novos membros da comunidade nos seus negócios, ao tempo em que reafirmam a identidade e a solidariedade grupal.

Contudo, a bibliografia sobre as atividades comerciais dos imigrantes tende a demonstrar que estas especificidades foram criadas para ocupar vazios na estrutura ocupacional, muito mais que uma predisposição ou tradição dos grupos no exercício de atividades específicas no mercado de trabalho. (Waldinger, 1990; Trauzz, 1991 e Grün, 1992).

A literatura sobre os negócios ou empresários étnicos destacam a existência de estratégias comuns empregadas pelos diferentes grupos, em que pese as especificidades culturais; são os denominados recursos e estratégias étnicas, características sócio-culturais que um grupo utiliza em próprio benefício(7).

Uma das características mais importantes neste tipo de atividade é a utilização da mão de obra familiar e de pessoas pertencentes ao mesmo grupo. A importância da família deve-se, principalmente, pela reprodução da mão de obra e pelo excessivo número de horas trabalhadas. Além disso, não há uma relação que possa ser considerada como uma relação de trabalho, empregador/empregado, caracterizada pelo cumprimento das leis trabalhistas, como por exemplo, o pagamento de salários, férias e horas extras. Assim, a atividade comercial é caracterizada pela ajuda mútua e, raras vezes, os indivíduos recorrem a empréstimos provenientes de instituições financeiras oficiais.

O trabalho de Grün (1992), incide sobre o grupo de armênios chegados em São Paulo, no início do século, numa sociedade urbana ainda em construção. Os armênios estão concentrados, principalmente, no setor de calçados em São Paulo. A inserção profissional é associada a identidade racial, constituindo-se na base simbólica da etnicidade

Há uma estreita relação entre os aspectos religiosos, econômicos e culturais nas estratégias dos armênios da primeira geração que vão se enfraquecendo e tornando-se menos eficazes na socialização das novas gerações. O curso universitário e a vivência com outros círculos de sociabilidade, muda o rumo das expectativas de vida dos membros da terceira geração, quebrando as tradicionais formas de socialização; o que nos faz refletir sobre a importância da escolaridade na vida social dos indivíduos. Isso se repercute principalmente na escolha dos cônjuges, quebrando a tradicional homogeneidade étnica.

Se a escolha do cônjuge fora do grupo ameaça a continuidade das formas de sociabilidade e solidariedade étnica tradicionais, também aumenta a possibilidade de um casamento mais semelhante em termos de escolaridade, renda e de outras afinidades.

A relação entre economia, trabalho e cultura é tão estreita que o enfraquecimento de uma dessas bases implica na diminuição da identidade étnica do grupo.

Um outro importante trabalho sobre a existência da especificidade étnica no mercado de trabalho brasileiro é a pesquisa de Truzzi (1991) sobre os Sírios e Libaneses também em São Paulo. Ainda que o trabalho de mascate (principal atividade do grupo) pudesse ser exercida individualmente, carecia do auxílio do grupo para a obtenção de crédito para a compra dos produtos. Essa estratégia, a utilização de mão de obra familiar e o recurso à ajuda mútua, observada entre os armênios também é utilizada entre os Sírios e Libaneses.

A atividade de mascateação oferecia grandes vantagens em relação a outras ocupações: primeiro, porque dispensava habilidade; segundo, pela possibilidade de um retorno financeiro imediato. Na medida em que a atividade profissional era fortalecida, ocorria a chegada de novos imigrantes e parentes que refaziam o ciclo da mascateação (varejo) e a abertura do próprio negócio (comércio atacadista).

Sendo o Brasil um país de ideologia assimilacionista, a aceitação desses imigrantes pela sociedade ocorria na medida em que eles acendiam e incorporavam os valores da sociedade brasileira. Do mesmo modo que ocorre com outras minorias, a escolarização e, principalmente, o curso universitário, exercem importante influência na incorporação de novos valores sociais mais universais e menos particularizantes.

Já Bacelar (1994), analisa a trajetória dos galegos em Salvador na primeira metade do século XX. Os galegos como os outros grupos de imigrantes concentravam-se em setores específicos do mercado de trabalho como a atividade comercial, principalmente, os armazéns de secos e molhados, padarias, tavernas e pastelarias.

A fronteira construída ao redor do grupo, caracterizava-se, principalmente, pela predisposição ao trabalho em oposição aos trabalhadores baianos, vistos como indolentes e preguiçosos. Para os galegos a sua capacidade de trabalhar foi herdada, sendo inerente à sua condição étnica. Aos poucos, O grupo galego, então, de forma progressiva, vai aceitando cada vez mais os valores universalistas e assimilando completamente as normas e valores vigentes em Salvador.

Um outro importante trabalho sobre a imigração no Brasil é de Seyferth (1994), que discorre sobre a imigração alemã implementada nos estados do sul do Brasil a partir do século XIX.. Conquanto o enfoque central não seja a ascensão social, o trabalho de Seyferth nos interessa pela abordagem específica sobre a etnicidade do grupo, numa sociedade que incentiva e premia a assimilação dos imigrantes à cultura nacional. Neste contexto, as estratégias de solidariedade e isolamento étnico tendem a ser mal vistas pela sociedade abrangente.

Por outro lado, o relativo isolamento espacial dos alemães contribuiu para o fortalecimento de uma consciência étnica coletiva e para reivindicações de natureza política, o que os distingue completamente de outros grupos de imigrantes.

Todos estes trabalhos demonstram que o projeto de ascensão fora facilitado pela ação coletiva, pautada, principalmente, na identidade étnica associada ao exercício de atividades específicas no mercado de trabalho. Contudo, as estratégias de socialização e de solidariedade utilizadas pelas primeiras levadas de imigrantes perdem força na medida em que o grupo vai assimilando os valores e aceitando os códigos, valores e hierarquias da sociedade inclusiva.

A coerção exercida pelo grupo em termos de solidariedade, mas também em termos de sociabilidade, marcada, principalmente, pelo casamento intra-grupal e pela reprodução da força de trabalho, através da inserção precoce no mercado de trabalho, perde sua força quando os membros das novas gerações ingressam nas universidades. Essa nova fase é marcada pela escolha de novas profissões, na maioria das vezes, profissões liberais e pela convivência em círculos que extrapolam os limites estabelecidos pelo grupo. A forma mais visível em que se expressa essas mudanças está na escolha do cônjuge de fora do grupo ou, a partir dos casamentos inter-étnicos.

### 3- Classe média negra: uma perspectiva comparativa

O trabalho de Frazier (1962) constitui-se no nosso ponto de partida para a compreensão do contexto em que surgiu essa pequena burguesia negra, assim como nos revela quais foram as suas estratégias de ascensão.

O trabalho de Frazier está voltado para entender os modelos de comportamentos, estilos de vida e valores da classe média negra norte-americana. O autor demonstra as condições peculiares em que a classe média surgiu num contexto em que eram minoria numa sociedade legalmente segregada. A entrada dos negros em algumas

ocupações ocorreu devido as necessidades de serviços básicos da população negra, tais como saúde e educação.

Além disso, os negros trabalhavam em atividades nas quais os brancos nunca almejavam entrar, como por exemplo, o setor de transporte e alimentação. Já neste período os negros livres possuíam um jornal, uma farmácia e pequenas lojas e restaurantes. Eles também organizaram sociedades de ajuda mútua e encorajavam a poupança e a acumulação de riquezas e ainda durante a guerra civil já existia Bancos de negros. Este quadro nos oferece as condições de pensar sobre uma sociedade rigidamente segregada em que as necessidades da população negra eram providas na própria comunidade. Isso possibilitou a existência de profissionais negros qualificados para atuarem nessas áreas, o que propiciou a existência de uma pequena classe média negra emergente.

A noção de comunidade negra parece ser central para compreender as estratégias de ascensão dos negros norte-americanos. Por isso, a ascensão era vista como um rompimento com a comunidade de origem, simbolicamente expressado na adesão aos valores dos brancos.

Paralelo ao afastamento da comunidade de origem, os negros em ascensão encontravam barreiras impostas pela sociedade branca; os brancos rejeitavam a possibilidade de inserção dos negros em seu universo. A classe média passava a viver num mundo negro também segregado: Suas posições privilegiadas no topo da pirâmide social, atrás das paredes do mundo da segregação, forneciam alguma compensação para a sua auto-estima machucada (Frazier, 1962).

Este trabalho nos mostra a existência de um pequeno grupo ascendente que defronta-se com as barreiras de uma sociedade segregada. Como a maioria dos grupos que ascendem socialmente, eles rejeitam os seus grupos de referência e passam a identificar-se com outros grupos sociais, situados nas camadas média e altas da sociedade; entretanto, a integração no mundo dos brancos é completamente vedada, o que os condena a viver numa condição marginal.

O trabalho de Landry (1987) discorre sobre a nova classe média negra americana (surgida após a conquista dos direitos civis), numa perspectiva comparativa tanto com a velha classe média quanto com a classe média branca. As diferentes denominações apontam para a existência de diferenciações no interior dos grupos. Segundo o autor, a classe média negra nunca desfrutou da segurança econômica, do padrão de vida básico e do status de que desfruta a classe média branca. Ao invés disso e independente das conquistas e dos empreendimentos pessoais, os membros da classe média negra sempre foram estigmatizados, vivendo em certa marginalidade, já que eles fazem parte da classe média de um grupo minoritário.

Conforme Landry, o comportamento da nova classe média se distingue da velha classe média negra, pelo menor interesse em manter um relacionamento estreito com os brancos, pela menor necessidade de romper com a massa negra e pelo exibicionismo e snobismo manifestado nos objetos de consumo. Frazier (1962) constatou que a classe média negra imitava fortemente o estilo de vida dos brancos de classe média ou alta. Já a nova classe média se preocupa menos o consumo conspícuo e tem adotado um estilo de vida mais acessível a sua posição de classe.

O autor conclui, que não obstante todas estas conquistas, o estilo de vida da nova classe média negra continua a ser limitado pelo racismo ainda existente na sociedade norte-americana, levando-os a adotar práticas de auto-proteção quando confrontados com a sociedade mais abrangente.

#### 4- Conclusão

Algumas características específicas demarcam a fronteira entre as estratégias de ascensão dos grupos de imigrantes e dos negros durante o projeto de ascensão. A população negra brasileira não tem recorrido às tradicionais formas de solidariedade étnica, baseada no uso de estratégias coletivas de que lançavam mão os imigrantes. De modo contrário, a ascensão social do negro, tem sido historicamente orientada a partir do uso de estratégias individuais. Os negros que ascendem são vistos, quase sempre, como exceção à regra do grupo, majoritariamente representado nos estratos inferiores da hierarquia social.

Ainda que o Brasil tenha uma ideologia assimilacionista, as primeiras levas de imigrantes mantiveram-se relativamente isolados, conservando alguns aspectos sócio-culturais fundamentais para a reprodução de suas particularidades étnicas, o que não se chocou com o seu projeto de ascensão. Contrapondo-se à ascensão dos imigrantes, a assimilação aos códigos e valores da sociedade brasileira sempre foi condição sine qua non para a ascensão social do negro.

Historicamente, o casamento inter-étnico, notadamente, entre negros e brancos, tem sido interpretado como uma das estratégias de ascensão econômica, assim como uma das possibilidades do negro ser aceito nas camadas médias e altas da sociedade, ou ainda, como um fenômeno do denominado processo de embranquecimento biológico, através do nascimento de filhos mestiços (ver Azevedo, 1955). Para os imigrantes, entretanto, o casamento inter-étnico surge menos como uma estratégia de ascensão e mais como o reflexo da perda do poder dos órgãos socializadores, tais como escola, igreja, família, etc. e se constitui num empecilho para a reprodução das especificidades culturais do grupo.

A ascensão social dos negros não pode ser analisada seguindo a mesma lógica da ascensão das minorias étnicas. Essas minorias usam estratégias comuns de ajuda mútua e de solidariedade étnica que no caso dos negros não extrapola o limite familiar. Em se tratando de empresários ou empreendimentos étnicos, os negros brasileiros não encontram preferência ou predileção dos indivíduos da mesma cor quando necessitam de serviços específicos.

Os profissionais negros disputam no mercado de trabalho com os profissionais brancos, não tendo a seu favor os recursos étnicos de que desfrutaram outras minorias e tendo contra a sua ascensão o racismo da sociedade brasileira, que o faz constantemente dar provas da sua capacidade profissional.

Mesmo sendo minoria nos Estados Unidos, cerca de 12% da população, a ascensão social dos negros norte-americanos não pautou-se nas denominadas estratégias étnicas. Ao contrário, inicialmente sua ascensão social foi o resultado do próprio sistema de segregação racial.

Comparado com outros grupos minoritários, os negócios negros americanos estavam circunscritos dentro dos limites da própria comunidade, não extrapolando-se para além dos muros da segregação. Mesmo antes da conquista dos direitos civis, a população negra já oferecia serviços específicos que acabava por incentivar a solidariedade, tais como, jornais, bancos e sociedade de ajuda mútua que encorajava a poupança.

Todos estes aspectos mostram as diferenças entre a ascensão dos negros brasileiros e norte americanos. Os negros brasileiros, vivendo numa sociedade menos segregada, tiveram que concorrer desde cedo com os profissionais brancos e tendo contra si o racismo e a discriminação racial, o que os levou ao uso de estratégias de maior integração com a sociedade.

Como demonstramos é absolutamente necessário entender a ascensão social dos negros brasileiros num contexto social específico, caso contrário, continuaremos utilizando termos inadequados e um tanto quanto anacrônicos para interpretar a realidade contemporânea.

## NOTAS

1 Este paper é uma versão do III capítulo da dissertação de mestrado *Novas elites de cor: estudo sobre os profissionais liberais negros de Salvador* a ser defendida em Novembro de 1997 na Universidade Federal da Bahia. A pesquisa foi realizada com um grupo de negros profissionais liberais que possuíam uma renda individual superior a 12 salários mínimos.

2 Existem pelo menos três referências ao termo: 1- o embranquecimento ou branqueamento é tido como uma proposta ideológica do Estado-Nação - sobre este tema ver Azevedo (1987), Seyferth (1994), (1996) e Ramos (1996); 2- o embranquecimento biológico, através da mestiçagem e 3- o embranquecimento social, relacionado a valores, atitudes e comportamentos. É principalmente com relação ao terceiro sentido que centraremos nossa atenção.

- 3 Pierson, 1971; Azevedo 1955 e Fernandes, 1972
- 4 Esta frase é de Milton Santos numa entrevista concedida ao Datafolha (Racismo Cordial 1996; 63).
- 5 O termo está entre aspas porque do ponto de vista da pesquisa não existe classe média negra, mas indivíduos negros que ocupam a posição de classe média.
- 6 Sobre grupo de referência ver Merton (1970)
- 7 Os recursos étnicos são: talento cultural, relativa satisfação no trabalho, trabalho padronizado, criação de associações que organiza e direciona as atividades e o uso de estratégias coletivas. A exploração da estrutura familiar nas atividades comerciais ou nos nicho étnico e o uso de encontros sociais e ou religiosos para a troca de informações.

## Bibliografia

- AZEVEDO, Thales de. As Elites de Cor: um estudo sobre a ascensão social. São Paulo: CIA. Editora Nacional, 1955.
- . Mestiçagem e status no Brasil. V colóquio internacional de estudos luso-brasileiros. Coimbra, 1964
- BACELAR, Jeferson. Galegos no paraíso racial. Salvador, Ed. Ianamá, 1994
- BONELLI, Maria da Glória. A classe média: do milagre a recessão. São Paulo, IDESP, 1989.
- FRAZIER, E. Franklin. Black Bourgeoisie: The rise of a new middle class in the United States. London, Collier Macmillan Publishers. 1975 (1962).
- GRÜN, Roberto. Negócios & Família: armênios em S. Paulo. São Paulo. Editora Sumaré, 1992.
- LANDRY, Bart. The New Black Class. University of California Press, California, 1987
- PIERSON, Donald. Brancos e Pretos na Bahia. São Paulo: Ed. Nacional, 1971
- SEYFERTH, Giralda. Identidade étnica assimilação e cidadania: a imigração alemã e o Estado brasileiro In- Revista Brasileira de Ciências Sociais, ANPOCS, n. 26, 1994
- . Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In- Raça, Ciência e Sociedade. Rio de Janeiro, Ed Fiocruz e Centro cultural banco do Brasil, 1996.
- TRUZZI, Oswaldo. De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo, Ed Sumaré, série imigração, 1991
- VELHO, Gilberto. Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro, Zahar, 1987
- WLDINGER, Roger, ALDRICH, Howard, Robin et al. Etnic Entrepreneurs: immigrant business in: industrial societies. London, Sage, 1990

Angela Figueiredo  
Mestranda em sociologia da Universidade Federal da Bahia

XXI Encontro Anual da ANPOCS